

Dramática Iberoamericana para la infancia y la juventud N° 22  
CELCIT - ATINA - RED IBEROAMERICANA de ASSITEJ

# Brasília, Brinquedo de Ler

## Gabriel Guirá (Brasil)

Teatro de actrices y actores: 1 Actriz - 1 Actor  
Edad de público sugerida: 3+

Esta obra surge de uma pesquisa e criação teatral realizada pelo autor em parceria com a artista cênica Ana Flávia Garcia.

### PERSONAGENS:

LUCITO  
LELETA

*Um canteiro de obras. Tijolos, latas de tinta, cordas, madeiras, sacos de cimento. No centro, Lucito e Leleta estão abraçados. Aos poucos, se separam. Do centro, entre eles, surge uma coisa que se estica conforme se separam. Eles se olham.*

LUCITO e LELETA

Hoje eu tive dois milhões novecentos e setenta e quatro mil setecentos e três sonhos.

*Os atores brincam freneticamente. Depois de um tempo, ainda brincando, começam a se falar.*

LUCITO  
Que isso?

LELETA  
Que?

LUCITO  
Que que isso?

LELETA  
Que que isso o que?

LUCITO  
Isso.

LELETA  
Não posso dizer.

LUCITO  
Por quê?

LELETA  
Porque é uma coisa que eu não posso dizer o que é.

LUCITO  
O que pode ser uma coisa que você não pode dizer o que é?

LELETA  
Um segredo.

*Param de brincar, de repente.*

LUCITO  
Um segredo? Me conta!

LELETA  
É segredo, Lucito. Segredo é uma coisa que a gente não pode dizer o que é, senão ele para de ser.

LUCITO  
Então faz parar de ser e me conta.

LELETA  
Nem em sonho!

LUCITO  
Conta, Leleta!

LELETA  
Nem sonhando...

LUCITO  
Conta, Leleta?

LELETA

É um sonho.

*Um som estranho acontece.*

LELETA

Todo mundo tem sonho?

LUCITO

Não sei. Tem gente que compra na padaria.

LELETA

Pois essa é a minha nova coleção!

LUCITO

Coleção de gente?

LELETA

Não...

LUCITO

Coleção de padaria?

LELETA

Não...

LUCITO

Coleção de não?

LELETA

Sim. Digo, não! Coleção de sonhos. Eu estou guardando vários embaixo do meu colchão.

LUCITO

Se você me contar os seus, eu posso te contar os meus também.

LELETA

Esse eu trouxe para a gente brincar juntos.

*Um som estranho acontece.*

LELETA

Eu sonhei que eu era uma sementinha no galho mais baixo de uma arvorezinha. E olha que nessa arvorezinha o galho mais alto era tão baixinho que do chão mal chegava no topo da unha do meu dedinho do pé. E se alguém escalasse seus galhos não ia alcançar nem o próprio corpo, não ia nem sair do lugar, não ia nem chegar no lugar onde já estava antes de escalar. E eu era uma sementinha no galho mais baixo dessa arvorezinha. E eu não saía do lugar, só meu olhar: escapulia dos olhos e feito uma mão no fim de um braço comprido, mas nem tanto, tentava alcançar as coisas. Para cada canto que eu olhava eu via um pedacinho da imensidão. Nunca

via ela toda, porque quando olhava pra cá, já não via lá; e quando olhava pra lá, perdia cá de vista. E por mais que eu rodopiasse os olhos para lá e cá, lá e cá, lá e cá, ainda tinha acolá, que eu nem via. Mas imaginava.

LUCITO

Sonhava que imaginava.

LELETA

Dentro do sonho a imaginação é real.

LUCITO

Eu não estou entendendo nada.

LELETA

Se você não entende nada, imagina tudo.

LUCITO

Estou imaginando: você era uma uma arvorezinha mais baixa que uma sementinha, mas que já quebrava um galho, porque olhava a imensidão...

LELETA

*(interrompendo)*

E eu sonhava que tinha um monte de gente cavando vários buracos enormes e uma voz estranha que mandava: “Cavem! Cavem! Cavem! Todos cavando para eu fazer o meu palácio!” Era muito assustador.

LUCITO

Espera! Você sonhava outro sonho dentro do sonho?

LELETA

Lucito, o sonho pode virar outro sonho, que só vira sonho mesmo quando a gente acorda. Enquanto a gente está sonhando o sonho é a realidade.

LUCITO

Eu não entendi...

LELETA

Mas não precisa entender! Só imaginar!

LUCITO

Eu estou tentando imaginar, Leleta... Ó, presta atenção: primeiro você era uma o galho de uma sementinha olhando a imensidão com um braço que não alcançava nada...

LELETA

*(interrompendo)*

Sonhando que um dia eu ia conhecer tudo.

LUCITO

Tudo? Esse tudo é o que?

LELETA

O acolá, depois de cá e lá. Cada buraco enorme e cada voz estranha, tudinho. A imensidão inteira, não só os pedacinhos. Mas por mais que eu sonhasse, eu nem imaginava que um dia ia realizar esse sonho.

LUCITO

*(contundente)*

Ah! Você, dentro de um sonho que era realidade enquanto sonhava, por mais que sonhasse realizar o que imaginava não imaginava realizar o sonho.

LELETA

Sim.

LUCITO

Não entendi.

LELETA

O entendimento é só um brinquedo para a imaginação, Lucito. Pega o que você entendeu e o que você não entendeu e brinca! Entendeu?

*Um som estranho acontece.*

LUCITO

Eu sonhei que estava em uma casa com uma família diferente da minha. Eu morava lá, mas não era a minha casa. Tinha uma sala assim, pequena, onde todos dormiam juntos. Aí eu passava andando com cuidado para não pisar em ninguém, só que tinha muita terra no chão. Então eu olhava para uma janela minúscula e lá fora eu via uma cidade toda branca, cheia de construções enormes nas quais ninguém morava.

LELETA

Monumental...

LUCITO

Monumental?

LELETA

É. Cheia de coisas grandes que faz a gente se sentir pequeno. Sabe?

LUCITO

Saber eu não sei. Mas eu posso imaginar.

*Eles brincam, procurando por algo específico entre os objetos. Leleta encontra.*

LELETA

Eu vi surgindo, bem longe, depois do distante, no meio do acolá, uma coisa.

LUCITO

O que era?

LELETA

Por enquanto era só uma coisa.

LUCITO

E o que é uma coisa?

LELETA

Qualquer coisa.

LUCITO

Como assim? Uma coisa qualquer?

LELETA

Não. Qualquer coisa não é uma coisa qualquer. É quase... algo.

LUCITO

Algo?

LELETA

Ou quase... alguém.

LUCITO

Alguém?

LELETA

Veio vindo pela terra e pelo céu, de acolá para lá, de lá para cá, até que chegou.

LUCITO

*(pegando a coisa)*

Um pássaro!

LELETA

*(com medo)*

Um pássaro!

LUCITO

Você tem medo de pássaro?

LELETA

Eu não, mas a sementinha que eu era sim.

LUCITO

Eu não tenho medo de pássaro.

LELETA

Você não, mas você imaginando a sementinha que eu era sim.

*Lucito de repente tem medo.*

LUCITO

E o que o pássaro fez?

LELETA

Me engoliu.

LUCITO

Te engoliu?

LELETA

Com o olho.

LUCITO

Com o olho?

LELETA

O olho direito.

LUCITO

Explica direito.

LELETA

Olha direito. O pássaro me olhou tanto, tanto, tanto, e eu era tão, tão, tão pequenininha, que eu coube todinha dentro do olho dele.

LUCITO

Uau!

LELETA

Depois ele saiu voando comigo lá dentro, vendo tudo que ele via lá fora. Vendo o que tinha cá e o que tinha lá.

LUCITO

E acolá?

LELETA

Acolá também.

LUCITO

E o que tinha?

LELETA

*(desafiando)*

Você não conseguiria imaginar.

LUCITO

*(desconcertado)*

Imagina só! Consigo sim...

*Um som estranho acontece.*

LUCITO

Eu te vi. Dentro do olho de um passarinho. E vi tudo que você viu lá de cima.

LELETA

É? E o que você viu?

LUCITO

Coisas.

LELETA

Uau... Estou imaginando.

LUCITO

A primeira coisa que eu vi foi uma barriga de terra. Como se o chão tivesse comido todas as frutas que existem e bebido todas as águas que há, até ficar com o bucho cheio, um barrigão, lá num canto do mundo. Num lugar bem alto e reto, uma imensidão cheia de árvores e sementinhas e passarinhos espalhados cá, lá e acolá. Não tinha nem nome. Quer dizer, na verdade tinha, mas era segredo. Só quem

sabiam eram os bichos, e eles inventaram outra língua diferente da nossa. Ninguém nunca vai saber!

LELETA

Era como um poema...

LUCITO

Antes da terra a terra  
Depois do bicho a gente  
De frente pra gente a serra  
Dentro da serra o afluyente  
Depois do afluyente o mar  
Atrás do mar o poente  
Antes de tudo acabar  
dentro da mesma nascente  
À margem da gente o corpo  
Dentro do corpo o que sente  
Ao lado da gente o outro  
dentro do corpo preenche  
Em cima do corpo a pele  
Em cima da pele o pelo  
Embaixo do pelo revele  
o bicho de dentro da gente  
Depois que a gente se encerra  
em cima de uma semente  
dentro da terra se enterra  
o corpo do bicho da gente  
Em cima da gente a  
terra embaixo da gente por  
dentro da terra por  
fora da gente depois dessa terra de  
de antes da gente... a terra

LELETA

Eu sonhei que eu era um segredo que ninguém sabia, só minha tataravó, mas ela contou para minha bisavó, que contou para a minha vó, que contou para a minha mãe, que não resistiu e decidiu contar para todo mundo logo de uma vez. Ele era assim: tinha um homem passava a vida olhando pro céu, assistindo as estrelas cadentes caírem para depois sair correndo por todo o país procurando alguma estrela que estivesse no chão. Só que ele só encontrava umas pedras.

*Os objetos se tornam animais, plantas, cenários naturais. Eles brincam até cansar.*

LUCITO

Um dia eu sonhei tanto, tanto, tanto, que o sonho acordou junto comigo.

*Um som estranho acontece.*

LELETA

Como assim?!

LUCITO

Quando eu abri os olhos e virei para o lado, o sonho estava lá, deitado comigo, todinho do jeito como ele era. O sonho inteiro com os olhos abertos.

LELETA

Você não se assustou?

LUCITO

Não, não era um pesadelo.

LELETA

Eu me assustaria se um sonho escapasse da imaginação e acordasse junto comigo.

LUCITO

Mas eu tinha sonhado tanto aquele sonho que já era amigo dele. Nós levantamos juntos, nos espreguiçamos, tomamos café da manhã, escovamos os dentes, tiramos o pijama...

LELETA

O sonho tinha pijamas?

LUCITO

Imagina só! O sonho até dormia. Leleta, o sonho até sonhava.

LELETA

Com o que?

LUCITO

Com a gente sonhando com ele.

LELETA

E depois, Lucito? O que vocês fizeram?

LUCITO

Eu chamei todas as pessoas do meu prédio e a gente ficou brincando por 58 anos.

LELETA

58 anos? Se fosse assim você já estava velho.

LUCITO

Não! Quando a gente cresce com um sonho, a gente quase que não cresce, o sonho é que cresce dentro da gente. Sonho pode ter muito mais de 96 anos!

LELETA

Um hipopótamo pode viver até 40 anos. Um papagaio vive até 75 anos. Um camelo pode viver 50 anos. Um bicho da seda vive 15 dias. Um ser humano vive uns 100 anos. Por quanto tempo um sonho pode viver?

*Os objetos se tornam componentes de sonhos pessoais dos atores em cena. Fora de seus personagens, eles narram o sonho do outro. Um som estranho acontece.*

LUCITO

Imagina só, Leleta: o sonho me ajudou a desenhar e as mãos dele eram tão grandes que o desenho nem coube no papel. Escapuliu e saiu voando pelo mundo.

LELETA

O desenho tinha asas?

LUCITO

Tinha.

LELETA

Era o passarinho?

LUCITO

Não, não tinha pena.

LELETA

Era um avião?

LUCITO

Não, não tinha poltrona.

LELETA

Era eu?

LUCITO

Quase. Porque eu fiz o desenho pra você.

LELETA

Então era uma borboleta.

LUCITO

Eu quis te entregar, só que ela voou. Aí eu pulei, pulei, pulei, pra tentar alcançar, mas não conseguia. Então o sonho me pegou assim, me levantou assim, e me colocou em cima das asas dela. E a gente saiu voando o mundo todo, numa viagem sem fim, feito perseguir a lua.

LELETA

Viagem que não chega a lugar nenhum?

LUCITO

Voar já era chegar. Mas a borboleta pousou lá no topo da barriga de terra, e então o meu sonho viu o seu sonho. Foi aí que eu te vi, lá no céu, dentro do olho do passarinho.

LELETA

E o que você fez?

LUCITO

Eu dei oi para você, lembra?

LELETA

Lembro! Não é que eu também dei oi para você?

LUCITO

Sim!

LELETA

Eu fiquei tão feliz de te ver que até chorei. Alaguei tanto o olho do passarinho que, quando ele piscou, eu caí lá do céu por dentro de uma gota.

LUCITO

Você se machucou?

LELETA

Não! O céu era muito perto da terra. E eu era uma sementinha cascuda.

*Lucito ri, concordando.*

LELETA

Então eu caí na terra e nasci.

LUCITO

E a gente começou a brincar naquele quintalzão, nera?

LELETA

Era! Eu dentro do seu sonho e você dentro do meu.

LUCITO

E o sonho que o sonho sonhava.

LELETA

E o sonho do sonho que o sonho sonhava.

*Ambos apontam para diferentes pessoas na plateia.*

LUCITO

E o sonho dele, e dela, e dele...

LELETA

E o sonho dela, e dele, e dela...

LUCITO

E todas as pessoas com todos os sonhos que seus sonhos sonhavam.

LELETA e LUCITO

Eram 2 milhões 974 mil 703 sonhos!

*Eles brincam de construir uma cidade. Sutilmente, Leleta vai colocando o próprio corpo como material, tornando-se parte do que é construído.*

LUCITO

Leleta...

*Lucito olha para o lado e ela já não está. Ele toca afetuosamente a construção. Suspira. Deita no chão, com o rosto para cima.*

LUCITO

Eu tive uma ideia.

*Um som estranho acontece. Blackout.*

**FIM**

Todos los derechos reservados.

Buenos Aires (2021)

Si usted está interesado en poner en escena este texto rogamos comunicarse con su autor/a: [guiragabriel@gmail.com](mailto:guiragabriel@gmail.com)

Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral CELCIT  
Buenos Aires. Argentina.  
[www.celcit.org.ar](http://www.celcit.org.ar)  
[correo@celcit.org.ar](mailto:correo@celcit.org.ar)

Nombre del Centro CBTIJ/ASSITEJ Brasil  
Web del centro [www.cbtij.org.br](http://www.cbtij.org.br)  
Contacto del centro [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

Red Iberoamericana de Artes Escénicas para la Infancia y la Juventud de ASSITEJ  
[www.rediberoamericana.assitej.net](http://www.rediberoamericana.assitej.net)  
[rediberoamericana@gmail.com](mailto:rediberoamericana@gmail.com)

«Piense antes de imprimir. Ahorrar papel es cuidar el medio ambiente»